

EDITH STEIN: PONDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O CASTELO INTERIOR DA ALMA

*EDITH STEIN: PHILOSOPHICAL REMARKS ON THE INTERIOR
CASTLE OF THE SOUL*

Maria Célia dos Santos¹

RESUMO

O presente trabalho visa tecer algumas considerações sobre as ponderações filosóficas que Edith Stein faz acerca de uma obra mística de Santa Teresa de Ávila, o conhecido *Castelo Interior – Moradas*. Com efeito, a partir da leitura da obra de Santa Teresa de Ávila, Edith Stein se abre à dimensão espiritual no encontro, ou confronto, entre o íntimo da alma e o que exteriormente se lhe apresenta para acolher, filosoficamente, a unidade do ser a partir da reflexão acerca do mistério que somos nós.

Palavras-chave: Deus. Alma. Castelo Interior.

ABSTRACT

This paper aims to analyse some philosophical reflections that Edith Stein has about the mystical work by Santa Teresa of Avila, the well-known *The Interior Castle* or *The Mansions*. Indeed, from the reading of Saint Teresa of Avila's work, Edith Stein opens herself to the spiritual dimension in the encounter, or confrontation, between the innermost soul and what appears before it to philosophically harbor the unity of being from the reflection on the mystery we are.

Keywords: God. Soul. Interior Castle.

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade do Porto, Professora da Universidade Federal Cariri – UFC, *E-mail*: celia.santos@ufca.edu.br

Não é muito fácil encontrar parâmetros que nos possam ajudar quando temos em mente desenvolver uma reflexão acerca da relação entre Filosofia e Mística, Filosofia e Espiritualidade. Podemos dizer que Edith Stein nos apresenta, pela sua vivência filosófica e busca da Verdade, um precioso direcionamento que sinaliza para uma fecunda relação, não somente entre esses dois âmbitos pensados de uma maneira geral, mas entre as dimensões características da pessoa humana, ligados os aspectos entre a possibilidade do ser humano de abrir-se ao transcendente sem perder de vista a sua identidade enquanto pessoa.

Certamente não será esta a ocasião de discorrer propriamente sobre Filosofia e Mística, o que traria um imenso prazer, mas especificamente tecer algumas observações sobre as ponderações filosóficas que Edith Stein faz acerca de uma obra mística de Santa Teresa de Ávila, o conhecido *Castelo Interior – Moradas*². Com efeito, a partir da leitura da obra de Santa Teresa de Ávila, Edith Stein se abre à dimensão espiritual no encontro, ou confronto, entre o íntimo da alma e o que exteriormente se lhe apresenta para acolher, filosoficamente, a unidade do ser a partir da reflexão acerca do mistério que somos nós.

1 O CASTELO INTERIOR DE SANTA TERESA DE ÁVILA

Apenas umas poucas palavras sobre o *Castelo Interior – Moradas* para situar as reflexões de Edith Stein como convêm. É sabido que o escrito datado de 1577, quando a Santa Madre tinha 62 anos de vida e larga experiência já na vida de oração, não era, inicialmente, endereçado ao grande público. Tinha como alvo as monjas carmelitas, necessitadas de um guia de espiritualidade que pudesse responder aos seus questionamentos acerca dos fenômenos referentes à prática da sua vida de oração. É a elas que Santa Tereza lança o desafio de conhecer os mistérios da nossa morada interior, partindo do princípio de que nós somos mais do que a ideia que fazemos de nós mesmos; na verdade, nossa realidade comporta algo mais dinâmico que abarca vários graus de consciência até atingir aquele mais recôndito, onde reside o verdadeiro Ser.´

Existe uma entrada, um limiar que nos permite adentrar nesse mundo interior, apresentado, metaforicamente por Santa Tereza, como um castelo habitado por um Senhor soberano e fiel. Pela porta da oração podemos adentrar no caminho do

² STEIN, Edith. *El Castillo del Alma*. In: STEIN, Edith. *Obras selectas*. Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2002, pp. 413-447. Citado doravante como *CA*.

autoconhecimento que nos conduzirá à verdadeira transformação necessária para o encontro do nosso ser com o Ser transcendente e verdadeiro.

É considerar a nossa alma como um castelo todo ele de um diamante ou mui claro cristal, onde há muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas. Que se bem o considerarmos, irmãs, não é outra coisa a alma do justo, senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias (I M, 1,1).

Perfazendo um total de sete moradas, o caminho consistirá no percurso empreendido por cada uma delas com suas características específicas, exigências apropriadas e recompensas correspondentes.

O que importa, pois, entender, diz Santa Tereza, é adentrar nessa morada com decisão e coragem. E começa perguntando: “Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos, nem saibamos quem somos?” (I M 1, 2). Adentrar nessas moradas, que são graus de consciência e amor, comporta um movimento ascensional até chegar à própria identidade iluminada pela presença da luz da morada sétima. Importa não apenas saber que temos uma alma, mas tomar consciência dela para viver como um ser superior e divino. É fácil, assim, entender que no contexto do *Castelo Interior*, estão implicados conhecimento de si, da alma, e conhecimento de Deus, presente nela. Como a nossa alma não tem luz própria, nem é a luz, mesmo que possamos dar testemunho da luz³, é necessário empreender uma busca que corresponda ao propósito de alcançar essa realidade outra que nos habita. “Consideremos agora que este castelo tem, como disse, muitas moradas: umas no alto, outras em baixo, outras aos lados; e, no centro e meio de todas estas, tem a principal onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma” (I M 1, 3).

Será, assim, tarefa da Santa Madre, escrever alguma coisa que possa servir de guia para as monjas carmelitas, embrenhadas no espesso mundo da contemplação que envolve corpo e alma no compasso de um caminho desafiador.

2 EDITH STEIN: O CASTELO DA ALMA

Dentre os muitos estudos que apresentam, sobre variados aspectos, a vida, obra e testemunho de Edith Stein e Teresa de Ávila, carmelitas, mestras de espiritualidade, escritoras, fortemente comprometidas com o momento histórico, cultural e religioso

³ Cf. Jo 1,8; AGOSTINHO. *Confissões* VII, 9,13.

que lhes foi dado viver⁴, queremos destacar aqui, brevemente, um aspecto comum que nos permite vislumbrar com intensidade a profundidade do nosso alargado mundo interior⁵. Para além de uma simples afirmação feita diante do encontro de Edith Stein com o *Livro da Vida* de Santa Tereza, onde testemunha ter encontrado a verdade⁶, sempre se nos coloca uma questão: Que percebeu Edith Stein para chegar a tão profunda e determinante afirmação? Já é sabido, e mais ou menos consensual, que *O livro da Vida*, assim como o *Caminho de perfeição* e o *Castelo Interior* tem um fundo temático único e comum, envolto na própria ânsia existencial da Santa Madre feita palavra viva, desprovida de razões teóricas e especulações filosóficas, deixando “Deus ser Deus em sua vida”⁷.

Depois de uma profunda análise acerca do percurso sugerido por Santa Tereza pelas moradas interiores⁸, Edith Stein conclui dizendo que na etapa final, no aposento secreto e mais interior da alma feita castelo,

os êxtases cessam quase totalmente. Isto é o que se deixa talvez entender, daquilo que a Santa Madre vê como fim de todo esse caminho de graça: um fim que não consiste só na “divinização das almas”, mas que todas as graças devem servir “para fortalecer nossa fraqueza... para poder imitar a Cristo no muito padecer (7M 4,4).

e trabalhos sem descanso pelo Reino de Deus⁹.

Muito embora toda via mística carregue consigo um envolvimento progressivo, podemos assinalar como sua condição primeira a ontologia, entendendo com Evelyn Underhill que a real confirmação dessa via “não reside nas experiencias fugidias e nem mesmo na transformação da personalidade do sujeito, mas, sim, no Objeto

⁴ AAVV, Edith Stein. *Testimone di oggi profeta per domani*. Atti del Simposio Internazionale, Roma – Teresianum, 7-9 ottobre, a cura di J. Sleiman – L. Borriello. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1988;

⁵ CAMPANA, Silvia Julia. “El espíritu de la verdad en Teresa de Jesús y Edith Stein: testimonio y mística”. Jornadas Diálogos: Literatura, Estética y Teología. La libertad del Espíritu, V, 17-19 septiembre 2013. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología, Buenos Aires. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/espíritu-verdad-teresa-jesus-stein.pdf>.

⁶ PIÑEIRO, Félix Ochayta. *Edith Stein, nuestra hermana*. Burgos: Monte Carmelo, 1991, p. 40.

⁷ GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cristianismo y Mística. Santa Teresa de Jesús y Juan de la Cruz*. Buenos Aires: Educa, 2012, p. 224.

⁸ STEIN, Edith. *Obras selectas*. Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2002, pp. 413-437.

⁹ STEIN, CA, p.437.

metafísico que o sujeito apreende”¹⁰. E parece aqui justificada a escolha de Edith Stein quando coloca suas considerações acerca do *Castelo Interior* exatamente como um apêndice à obra *Ser finito e Ser eterno*¹¹, dando espaço a um realismo crítico capaz de colocar em relevo a dualidade da nossa experiência humana – o que é eterno e o que não é, a realidade sobrenatural e a realidade natural – capaz de oferecer melhor um fundamento filosófico à experiência do místico.

Em minha obra *Ser finito e Ser eterno* usei o termo “Castelo da alma” referindo-me à principal obra mística de nossa madre Santa Tereza de Jesus. Agora quero dizer como minhas investigações sobre a estrutura da alma humana conectam com essa obra da Santa¹².

É exatamente nesse contexto de reflexão sobre o sentido do ser, a grande questão da filosofia clássica, que Edith Stein vai inserir suas considerações acerca do *Castelo Interior*: “No nosso contexto temos que enfrentar o objetivo puramente teórico de indagar, na constituição graduada dos seres, as notas específicas do ser humano, na qual entra a definição de alma, como centro de todo esse edifício físico-psíquico-espiritual que chamamos homem”. Mas, na intenção de oferecer exatamente

um quadro preciso da alma”, Edith Stein afirma a necessidade de falar daquilo que compõe sua vida íntima, do arcabouço interior que constitui a dinâmica da especificidade da experiência testemunhada pelos grandes místicos nos seus relatos sobre a vida de oração. “Em tal caso, diz Edith Stein, o *Castelo Interior* é insuperável!”¹³.

Apresenta o itinerário que envolve “o reino da alma e o caminho por ela percorrido desde o muro de fora até o centro interior” descrito, com exatidão e oportunidade ímpar, através das imagens sugestivas do castelo e do matrimônio.

O intuito de Edith Stein será alcançado na tentativa de destacar o que esta imagem da alma tem em comum, com o que quer falar, com critérios filosóficos,

¹⁰ UNDERHILL, Evelyn. *Misticismo. Estudo sobre a natureza e o desenvolvimento da consciência espiritual do ser humano*. 2ª Ed. Curitiba, PR: AMORC, 2008, p.9.

¹¹ STEIN, Edith. *Ser finito e ser eterno*. In: *Obras Completas*, vol. III, Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2007. Doravante citado como *SFSE*.

¹² STEIN, *CA*, p. 413.

¹³ STEIN, *CA*, p. 414.

sobre a estrutura do ser humano¹⁴. Para Santa Tereza é claro o seu objetivo: mostrar o castelo da alma – morada de Deus – e tornar compreensível o que ela mesma tinha experimentado. A pessoa humana ocupa o ponto central na atenção de Edith Stein: seja na aproximação fenomenológica e filosófica; seja na abordagem psicológica e pedagógica; seja na reflexão teológica e espiritual. Sempre encontraremos vestígios da reflexão acerca da pessoa humana em todas as abordagens steinianas, como a nos lembrar que o núcleo verdadeiramente importante é estrutural, genuinamente constituído como elemento determinante da aventura da vida empreendida pela própria alma, rumo à consciência de ser. E o que temos de mais seguro? É exatamente o próprio eu.

Em qualquer lugar – na “vida” de Agostinho, no “eu penso” de Descartes, no “ser consciente” ou no “vivenciar” de Husserl – se encontra um “*eu sou*”. Isto não é tirado ou deduzido como a fórmula do “*cogito, ergo sum*” parece indicar, mas é achado de modo imediato: pensando, sentindo, querendo ou de qualquer modo movido pelo espírito sou *eu*, e sou consciente deste ser¹⁵.

Para Edith Stein estava claro que a consciência do “eu”, não é um ato produzido pelo eu, mas algo concomitante ao surgimento do próprio eu. De fato, nós não podemos experimentar nada sem estarmos, nós mesmos, presentes enquanto participantes, protagonistas da experiência. Já havia dito antes textualmente: “A consciência originária que acompanha toda a vida do *eu*, enquanto pertencente a ele, está simplesmente presente, sem ser introduzida deliberadamente”¹⁶. A certeza do eu, se converterá, assim, para Edith Stein o “conhecimento mais originário”. Quando o sujeito se posiciona numa atitude de volta sobre si mesmo, de submersão no simples fato de seu ser, convertendo-se em tema de análise surgirá a tríplice pergunta: “Que é o ser do qual estou consciente? Que é o ‘eu’ consciente desse ser? Que é o movimento no qual me encontro quando estou consciente de mim e dele?”¹⁷. Assim, nesse apêndice, no segundo momento intitulado “As moradas à luz da filosofia moderna”, Edith Stein propõe um itinerário em busca dos pontos comuns, e também dos divergentes, entre essas duas abordagens.

¹⁴ STEIN, *CA*, p. 437.

¹⁵ STEIN, *SFSE* p. 646.

¹⁶ STEIN, *SFSE* p. 1020.

¹⁷ STEIN, *SFSE* 57 p.6.

Inicialmente, é apresentado o fato da concepção comum acerca da alma como um imenso reino que deve ser tomado pelo proprietário, habituado a andar perdido no mundo exterior¹⁸. Depois, a diferença fundamental entre as duas concepções, direcionadas para a diversidade de pontos de vista. Para Santa Tereza, mostrar o castelo da alma e tornar compreensível a sua própria experiência de tentativa de resposta ao chamado de Deus que busca tirar a alma do extravio exterior para a união com Ele no interior de si mesma. Não importava aqui, a indagação acerca do sentido da estrutura da alma, além de seu “*ser habitação de Deus*”, se justificaria a existência de uma outra porta de entrada nesse reino, além da oração¹⁹. Considera-se a alma humana na sua missão de apreender todas as coisas criadas através do conhecimento e do amor.

As moradas da alma encontram seu correspondente grau no mundo criado, visto de uma profundidade diferente. O raciocínio é claro e preciso: como a morada mais interior está reservada para o Senhor da criação, espera-se que, a partir daí se possa delinear uma imagem realmente adequada da criação. Não significa, certamente, entender como é Deus em si mesmo, na sua grandeza, magnitude e mistério, mas sim obter dele uma imagem sem deformações. “Fica assim absolutamente posto o que a Santa expressou tão nitidamente: que entrar em si mesmo significa aproximar-se gradualmente de Deus”²⁰. “Para isto é a oração...; disto serve este matrimônio

¹⁸ CA p. 438: “En principio, es común la concepción del alma como amplísimo reino, a cuya posesión debe llegar el propietario, porque precisamente es propio de la naturaleza humana (mejor dicho, de la naturaleza caída) el perderse en el mundo exterior”.

¹⁹ Nesse sentido esclarece Juvenal Savian: “Em sua obra *A ciência da cruz – Estudo sobre João da Cruz*, Edith Stein afirma que a “fé” é antecedida por uma aproximação “natural”, uma forma de união com Deus no plano ontológico, como uma ligação de todos os seres a Deus enquanto seu criador e conservador. Essa primeira forma de união com Deus ou primeira modalidade de *inabitação de Deus* na criatura pode não significar propriamente uma *inabitação*, caso o ser divino e a criatura permaneçam completamente “separados”. Nesse caso, basta que a criatura exista e, portanto, que ela esteja submetida à essência, ciência e potência divinas. Porém, no caso das criaturas espirituais ou interiores, ou seja, dos seres que se apreendem e se compreendem intimamente a si mesmos e são capazes de receber outro ser – de tal modo que, sem perda da individualidade, possam constituir uma unidade –, pode-se admitir que, já com o uso da dimensão intelectual de sua vida interior, elas podem submeter-se também consciente e voluntariamente à essência, ciência e potência divinas. Ou seja, as criaturas espirituais podem reconhecer, já com o que chamaríamos de “razão natural”, a possibilidade ou mesmo a realidade da existência de Deus. Nesse caso, então, poder-se-ia falar apropriadamente de uma primeira modalidade de *inabitação* de Deus na criatura, tal como Edith a denomina ao comentar a doutrina mística de João da Cruz, o que, por sua vez, corresponderia àquilo que, ao comentar o Pseudo-Dionísio, ela chama de a primeira via do conhecimento de Deus ou do conhecimento natural de Deus” (SAVIAN, Juvenal. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*. Fortaleza, CE: Kairós – Revista Acadêmica da Prainha Ano VIII/2, Jul/Dez 2011, pp. 173-187). Cf. STEIN, E. *A ciência da cruz. Estudo sobre São João da Cruz*. Trad. de D. Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 1988, p. 147.

²⁰ CA p.439.

espiritual: de que nasçam sempre obras, obras” (7M 4,6)²¹. Como a lembrar que a espiritualidade não legitima o alheamento despreocupado e egoísta das questões materiais. Ao contrário, o ser humano espiritualizado tem o dever de ocupar-se delas, porém, à luz do espírito! Não precisamos ter medo; quanto mais nos aproximarmos de Deus, mais preparados vamos estar para as obras de Deus, mais forças naturais serão infundidas na alma para que possa trabalhar no serviço do Senhor.

Haverá como que um conhecimento partilhado entre o mundo externo e a própria alma. Diz Edith Stein que a alma “é consciente de sua vida espiritual e capaz de refletir sobre si mesma, inclusive sem entrar pela porta da oração”²². Como alternativa para a entrada em seu interior, apresenta o trato com os outros homens. É que, baseados na experiência natural, podemos considerar que os outros tem uma imagem de nós que pode proporcionar uma visão de nós mesmos a partir de fora. Mesmo se essa espécie de conhecimento pode comportar alguns equívocos e falta de exatidão, sempre traz alguns benefícios que podem ser associados à observação do nosso crescimento através das diversas fases porque passamos no desenvolvimento natural da vida humana. Aliada a tudo isso, Edith Stein coloca ainda “a investigação científica do mundo interior”²³, que se interessou por esse setor como sobre qualquer outro: “resulta surpreendente o que ficou do reino da alma, desde que a psicologia do nosso tempo começou a seguir seu caminho independentemente de toda consideração religiosa e teológica da alma; chegou-se, assim, no século XIX a uma psicologia sem alma”²⁴. E convém lembrar aqui que Edith Stein abandonou os estudos de psicologia movida por um certo fastio provocado por essa “psicologia sem alma”. Mas, ainda segundo Edith Stein, essa

²¹ CA p. 437.

²² CA p. 439.

²³ Nesse sentido, esclarece Juvenal Savian Filho: “Depois de haver afirmado que a realização do ideal de ciência (isto é, do ideal de colher a totalidade do real – todos os entes e o ser todo – na sua unidade profunda e na sua plenitude) é algo que se subtrai, por princípio, a toda ciência humana (que é sempre fragmentária), Edith Stein chega à conclusão de que esse ideal pode ser associado à visão que a fé promete para quando o ser humano deixar sua condição de peregrino e chegar à contemplação da sabedoria divina mesma, a visão simples pela qual Deus se compreende a si mesmo e a todo o criado (cf. § 8 {61}). Em outras palavras, a perfeição do ideal para o qual tende a filosofia é a sabedoria mesma de Deus” (SAVIAN, Juvenal. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*. Fortaleza, CE: Kairós – Revista Acadêmica da Prainha Ano VIII/2, Jul/Dez 2011, p184).

²⁴ CA, p. 440. A seguir Edith Stein tenta fazer um resumo do quadro da psicologia dos últimos três séculos, reconhecendo a dificuldade de tal empreitada. Para ela, a corrente principal, surgida do empirismo inglês, foi-se configurando cada vez mais como ciência natural, chegando a reduzir todos os sentimentos da alma a um produto de simples sensações, como uma coisa material feita de átomos. “Não só se negou toda realidade permanente e durável, fundamentos dos fenômenos mutáveis, ou seja, da vida que flui, como se dissociou do fluir da vida espiritual, o espírito, o sentido e a própria vida. É como se do *castelo da alma* se conservasse só o muro”.

psicologia naturalista do século XIX, em sua concepção de fundo foi superada e deu lugar a um florescimento crescente de uma “ciência do espírito”, contada entre um dos maiores avanços no campo científico das últimas décadas. “E a espiritualidade e o pleno sentido da vida anímica não só recuperaram os seus direitos, como também foi descoberto o seu fundamento real”²⁵. Como pioneiros da “nova ciência do espírito”, são apresentados Dilthey, Brentano, Husserl e suas escolas, que segundo Edith Stein, não precisam ser contados entre aqueles que entraram pela porta da oração ou que seus escritos principais possam ser considerados escritos religiosos.

No desenvolvimento de sua análise, encontramos a indicação da causa da cegueira relativa à realidade da alma e a incapacidade de chegar ao seu íntimo, como a que detecta na história da psicologia naturalista do século XIX, e esta não parece residir simplesmente em determinados princípios metafísicos, mas

na angústia inconsciente de encontrar-se com Deus. Por outra parte, aí está o fato de que ninguém penetrou tanto no fundo da alma, quanto o homem que, com ardente coração abarcou o mundo e que, por forte mão de Deus, foi liberado de todas as amarras e introduzido dentro de si no mais íntimo de sua interioridade²⁶.

Como exemplo, dois amantes do mistério do próprio conhecimento, Agostinho de Hipona e Tereza de Ávila.

O caminho extraordinário, que compõe o itinerário da alma em busca de si mesma, pode ser esclarecido mediante a distinção de Edith Stein acerca da *alma* e do *eu*.

O *eu* aparece como um ponto móvel dentro do espaço da alma. Cada vez que aquele se move para tomar alguma posição, ali se acende a luz da consciência e ilumina um certo espaço ao redor: tanto no interior da alma, como no mundo exterior objetivo para o qual o *eu* está dirigido. Apesar de sua mobilidade, o *eu* está sempre ligado àquele ponto central da alma no qual se sente em sua própria casa²⁷.

E esse apelo e forte atração é uma das ultrapassagens de Edith Stein ao que estabeleceu a Santa Madre no *Castelo Interior*. O *eu* não só é atraído ao centro para

²⁵ CA p. 441.

²⁶ CA p. 444.

²⁷ CA p. 446.

receber as mais altas graças místicas, mas para efetivar suas decisões últimas do estado de liberdade a que está destinado. É desse lugar central que a voz da consciência se faz ouvir e se alia às decisões pessoais livres, próprias de cada alma, rumo à união com Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir tentando responder a uma pergunta que brota das reflexões dessas duas santas acerca do *Castelo Interior*: Como é nossa imagem de Deus, hoje? Essa imagem tem mudado à proporção que vamos adentrando no misterioso mundo do autoconhecimento? Talvez estejamos, ainda, vivendo aquela mesma dificuldade de encontrar outras palavras para descrever o reino da alma e o caminho por ela percorrido, pela simples razão de, segundo Edith Stein, não existirem outras melhores do que aquelas usadas pela Santa Madre Tereza. Prescindindo, ou não, do aspecto místico da concepção da morada interior enquanto lugar de habitação divina, fica o desafio da investigação científica do mundo interior.

Para Edith Stein, o caminho que, extraordinariamente percorre e nos aponta a Santa Madre, pode aparecer diante dos nossos olhos, mais compreensível, quando tomamos como ponto de referência a distinção entre a alma e o *eu*. É no centro da alma que se pode ouvir a voz da consciência, assim como é aqui que encontramos o espaço das nossas decisões livres. E é assim que compreendemos como é aqui também que podemos acessar o lugar da livre união com Deus.

Esse Deus, mais íntimo a nós do que nós próprios:

Quem és Tu, doce luz que enche e ilumina a obscuridade do meu coração? Que me conduz igual a uma mão materna, e se me deixas livre, não saberia dar um passo. Tu és o espaço que envolve todo o meu ser e o encerra em si; abandonada por ti caio no abismo do nada, de onde tu me elevas ao Ser. Tu, mais perto de mim que eu mesma, e mais íntimo que minha intimidade, e ainda inalcançável e incompreensível, e que todo nome faz renascer: Espírito Santo, Amor eterno!²⁸

²⁸ STEIN, Edith. *Obras Selectas*, traducción de Francisco Javier Sancho Fermín. Monte Carmelo, Burgos, 1997, p. 600. Poema composto durante novena de Pentecostes em 1942.

REFERÊNCIAS

- NATEL, Ângela. **Fenomenologia e Mística em Edith Stein**. Disponível em: <https://www.academia.edu/8506473/Fenomenologia_e_Mística_em_Edith_Stein_Angela_Natel>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- RUSSO, Maria Teresa. La experiencia mística desde la fenomenología: Edith Stein y el Castillo interior de Teresa de Ávila. **Steiniana**, Santiago, v. 2, n. 2, p. 60-80, dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.7764/Steiniana.2.2018.3>
- SAVIAN, Juvenal. Experiência mística e filosofia em Edith Stein. **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza**, v. 8, n. 2, p. 173-187, jul./dez. 2011.
- SLEIMAN, J.; BORRIELLO, L. (Orgs.). **Edith Stein: Testimone di oggi profeta per domani**. Atti del Simposio Internazionale. Roma – Teresianum, 7-9 ottobre. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1988.
- STEIN, Edith. **Obras Completas**. Burgos: Ediciones El Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Editorial Monte Carmelo, 2007. v. 3.
- STEIN, Edith. **La estructura de la persona humana**. Madrid: BAC, 1998.
- STEIN, Edith. **Autorretrato epistolar (1916-1942)**. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1996.
- STEIN, Edith. A filosofia existencial de Martin Heidegger. In: STEIN, Edith. **Obras Completas**. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 007. v. 3.
- STEIN, Edith. Ser finito e ser eterno. In: STEIN, Edith. **Obras Completas**. Burgos: Ediciones El Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Editorial Monte Carmelo, 2007. v. 3.
- STEIN, Edith. **Obras selectas**, Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2002.
- STEIN, Edith. **Escritos esenciales**. Burgos: Editorial Sal Terrae, 2003.
- UNDERHILL, Evelyn. **Misticismo: estudo sobre a natureza e o desenvolvimento da consciência espiritual do ser humano**. 2. ed. Curitiba: AMORC, 2008.